

A VIDA DE MACRINA: ANGÚSTIA E DESESPERO OU A CONQUISTA DA ETERNIDADE PELO IDEAL DE FÉ NA VIDA ASCÉTICA?

LIFE OF MACRINA: ANGUISH AND DESPAIR OR THE CONQUEST OF ETERNITY FOR THE IDEAL OF FAITH ON ACETIC LIFE?

Presley H. Martins¹

Renato Kirchner²

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta estudar os autores: Gregório de Nissa (335-394) e Soren Kierkegaard (1813-1855), com o objetivo de analisar a experiência religiosa diante do sofrimento humano. Perseguindo esse objetivo, utilizamos a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, fusão de horizontes. Na obra: *A vida de Macrina*, de Gregório de Nissa, percebemos uma existência permeada pelo sofrimento diante dos infortúnios da vida. Na obra *Temor e tremor*, Kierkegaard analisa a experiência de fé de Abraão na situação de sacrificar seu filho Isaac, sua fé requer que ele se abduca daquilo que mais ama. Como resultado da investigação, percebemos que a fé é o salto que se relaciona com o absurdo, para esse salto se faz necessário a resignação infinita, a fé transcende o sofrimento da finitude, embora não o anule. A situação paradoxal do homem, está no horizonte de Gregório de Nissa e Kierkegaard. Portanto, conclui-se que é na condição paradoxal que o ser se encontra, é nessa

¹ Aluno do 6º semestre de Licenciatura em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Realizou Iniciação Científica entre 2017 e 2018, cujo resultado foi a produção deste artigo científico. *E-mail*: presley.hmartins@gmail.com.

² Professor e pesquisador na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Membro do corpo docente permanente da Faculdade de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPGCR). Doutor e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, coordena o Programa de Mestrado Stricto Sensu em Ciências da Religião. *E-mail*: renatokirchner00@gmail.com

fronteira que ocorre o sofrimento humano e a experiência religiosa que faz a fé suplantar a finitude para alcançar a eternidade.

Palavras-chave: Angústia; Desespero; Fé.

ABSTRACT

The current paper has a purpose the study of authors like: Grégorio of Nissan (335-394) e Soren Kierkegaard (1813- 1855) on the religious experience beyond the human sorrow. Following that, we used the Hans-Georg Gadamer's fusion of horizon hermeneutic. In the masterpiece of Gregory of Nissa: *Life of Macrina*, we can perceive the pervaded existence by suffer against the unfortunate of life. In the work: *Fear and Trembling*, Kierkegaard's analyse the faith experience of Abraham in the situation of sacrificing his own son, Isaac, his faith requires that he abdicate what he most loved. As a result, we perceive that faith is the key that is related with the absurd, for this jump the infinite resignation is necessary, faith transcends the finite suffer, even though he doesn't cancel it. The paradoxical situation of man is on the horizon of Gregory of Nissa and Kierkegaard. Therefore, it's conclude that is on the paradoxical condition that the being finds himself, is on the frontier that happens the human suffer and the religious experiences that make faith the finite supplant to reach the eternity.

Keywords: Anguish; Despair; Faith.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta, analisar a obra *A vida de Macrina*, de Gregório de Nissa, na perspectiva de compreender, a partir da trajetória de Macrina, a vida ascética, que busca diante do sofrimento da angústia, e do desespero da morte, alcançar a eternidade pela fé. Assim como busca-se compreender essa experiência religiosa baseada nas considerações de Kierkegaard sobre o drama da existência concreta. Posto isto, investiga-se nas obras do dinamarquês o sentido da fé em relação ao desespero e à angústia como elementos indiscerníveis da experiência religiosa. Dessa forma, nos vemos diante da possibilidade de compreender o sofrimento humano no horizonte da fé cristã.

Perseguindo esse objetivo, buscamos a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, que tem como propósito descobrir a verdade através da compreensão, que para o autor, é sempre *fusão de horizontes* (GADAMER, 1997). Entende-se por fusão de horizontes quando projetamos o horizonte do texto dentro do nosso próprio horizonte. Para Gadamer, essa compreensão tem como base os *preconceitos*³ que compreendem uma acepção de mundo, esses são herdados pelo contexto histórico que, por sua vez, são estruturas prévias de toda compreensão. Esses preconceitos delimitam nosso horizonte de compreensão, sendo o ponto de partida para própria compreensão. Para se ampliar o horizonte de compreensão, deve-se colocar os preconceitos em jogo para que o significado do texto se manifeste, porém só podemos questionar nossos preconceitos quando os colocamos em conflito com preconceitos diferentes, o âmago dessa interpretação é abrir possibilidades para se chegar a verdade.

Por isso, uma consciência formada hermeneuticamente tem que se mostrar receptiva, desde o princípio, para alteridade do texto. Mas, essa receptividade não pressupõe nem “neutralidade” com relação à coisa nem tampouco autoanulamento,

³ Para Gadamer (1997, p. 407), preconceito não significa juízo falso. O preconceito é o ponto de partida para compreensão, embora possa ser valorizado positivamente ou negativamente.

mas inclui a apropriação das próprias opiniões prévias e preconceitos, apropriação que se destaca destes. O que importa é dar-se conta das próprias antecipações, para que o próprio texto possa apresentar-se em sua alteridade e obtenha assim a possibilidade de confrontar sua verdade com as próprias opiniões prévias (GADAMER, 1997, p. 405).

Quando tomamos consciência dos próprios preconceitos, abrimos para o sentido do texto, e introduzimos em nosso horizonte o significado e a verdade daquele texto que foi preservado pela tradição. Desse modo, os preconceitos falsos são deixados de lado quando colocados em conflito com outros preconceitos. Por isso, não se trata de dizer que a interpretação é puramente subjetiva, mas sim que é impossível de se chegar à verdade sem a subjetividade, já que é impossível relevar a própria aceção de mundo.

Por mais que alguém se desloque a uma forma espiritual estrangeira, nunca chega a esquecer sua própria aceção do mundo e inclusive da linguagem. Ao contrário, esse mundo diferente que nos vem ao encontro não é somente estranho, mas também distinto numa infinidade de relações. Não somente tem sua própria verdade em si, mas também uma verdade própria para nós (GADAMER, 1997, p. 641).

Nesse sentido, o contexto histórico no qual o texto foi escrito, em relação a outro texto e também àquele que os interpreta, possui uma verdade em si, que se insere em mundos distintos, em tempos e épocas distintas. Todavia, aquela verdade em si, de mundo distintos, contém uma verdade que seja uma verdade para nós. Ou seja, existe um ponto de encontro na intersecção desses mundos que se abre para uma verdade comum. Portanto, é diante de perspectivas e contextos distintos que se mostra o terreno fecundo para a verdade. Esse mundo diferente, conforme coloca Gadamer, não apenas conserva a verdade, mas é necessário para que possamos ampliar nosso horizonte, pois faz com que os próprios preconceitos, que antes não se colocavam em questão, sejam agora avaliados. Dessa maneira, descobrimos os

preconceitos válidos quando nos abrimos para alteridade do texto. Sendo assim, a fusão de horizontes se caracteriza nesse esforço de interpretação em relação aos conflitos com preconceitos distintos, em que nos abrimos para novas possibilidades de se ver, experimentar, e interpretar o mundo.

Isto posto, nos parece promissor levar em consideração as bases lançadas por Gregório de Nissa e Soren Kierkegaard, no intuito de encontrar na intersecção, uma verdade que, embora caracterizadas por épocas infinitamente distintas, manifesta-se na experiência religiosa em seu acontecimento que se conservou na tradição. Por isso, iremos averiguar a concepção da condição humana de ambos os autores. Através dos conflitos dos preconceitos de mundos distintos, manifesta-se aqueles que se mostram convergir para aquilo que é indissociável da experiência do sujeito na fé. Essa forma de compreensão nos desafia a interpretar o fenômeno da experiência religiosa e o sentido do sofrimento inerente desse mesmo caminho. Nesse sentido, sempre tendo como base a análise da vida religiosa Macrina, e a trajetória do caminho da fé de Abraão.

1 A VIDA DE MACRINA: UMA TRAJETÓRIA MARCADA PELO SOFRIMENTO

Gregório de Nissa (335-394), nascido em Cesareia, Capadócia, foi um teólogo, místico, escritor e Padre da Igreja. Ele escreveu, em 380, a obra *A vida de Macrina* (NISA, 1995). Nessa obra, Gregório de Nissa, faz uma biografia de sua irmã relatando em ordem cronológica os principais acontecimentos de sua vida. Narra a vida da irmã com esmero e devoção, em que procurou dar voz a uma vida que o inspirou. É evidente a forma como Gregório de Nissa realça principalmente o sofrimento presente na vida de Macrina, e como ela reagia diante dos infortúnios da vida, cuja trajetória é permeada por perdas irreparáveis, sobretudo de familiares. Isso porque a distinção da vida de Macrina reside justamente na forma como ela suportou seu sofrimento. Trata-se, portanto, do relato de uma experiência concreta, e de suas virtudes perante a vida.

Portanto, a vida de Macrina é o relato de uma experiência religiosa propriamente dita em sua condição diante das adversidades. O objetivo é acentuar as virtudes da irmã e, a forma como ela suportou o sofrimento. Vivendo uma vida de devoção, Macrina auxiliou aqueles que precisavam de sua orientação, deixou a vida material para viver uma vida espiritual. Essa forma de vida conduziu sua experiência religiosa. A vida ascética de Macrina exerceu uma profunda influência na vida de Gregório de Nissa, que via na irmã o modelo ideal a ser seguido. Para não deixar que essa experiência caísse no esquecimento, e sabendo dos frutos que essa experiência poderia proporcionar através do exemplo, Gregório de Nissa escreveu o relato.

Puesto que tú estimas que la historia de sus virtudes ha de producir algún fruto, he pensado que sería bueno obedecerte y narrar su historia tan brevemente como sea posible, con palabras sencillas y sin artificios literários, a fin de que una vida de tal naturaleza no sea olvidada con el paso del tiempo, y aquella que se elevó a lo más alto de la virtud humana por medio de la filosofía no quede sin servir de provecho por estar sepultada en el silencio⁴ (NISA, 1995, p. 45).

Gregório de Nissa não queria que a vida da irmã fosse silenciada pela morte, já que a experiência da irmã ilustra uma concepção profunda de vida, que foi exemplo de transformação para muitas pessoas, incluindo de seu irmão Basílio. Essa experiência de vida representa a situação humana em sua relação com o sofrimento da finitude. Logo em sua juventude, Macrina sofre com uma perda intempestiva. Gregório descreve a jovem Macrina bela e pura, dizendo que não existia algo tão maravilhoso como sua beleza; sendo assim, não faltavam pretendentes para desposá-la. Contudo, ela foi

⁴ “Como você considera que a história de suas virtudes deve produzir alguns frutos, pensei que seria bom obedecer a você e contar sua história da forma mais breve possível, com palavras simples e sem artificios literários, para que uma vida dessa natureza não ser esquecido com o passar do tempo, e aquilo que subiu para a mais alta virtude humana através da filosofia não permanece sem lucro porque está enterrado no silêncio” (Tradução livre).

despedaçada pela morte prematura de seu noivo prometido. A partir de então, decidiu não mais se casar, pois para ela os votos prometidos já tinham se concretizado na própria promessa de amor. Acreditava no amor eterno e, por isso, a intenção do casamento resguardava em si a eternidade desse amor. Desse modo, a morte não poderia romper com o eterno, e mantinha a esperança de reencontrar um dia com o noivo. Ainda na juventude, Macrina já demonstra sua devoção que caracteriza sua esperança e sua fé, pois acreditava que a morte era apenas uma distância; ele estava ausente e, uma vez tendo conhecido o amor, ela jamais o havia perdido.

É possível identificar uma personalidade segura e determinada, em que toda existência se concentra em um ideal de vida ascética que caminha em direção a uma ascensão espiritual. Essa trajetória prepara, em um terreno de dor e de perdas irreparáveis, a possibilidade de superar o sofrimento e de encontrar na transcendência, através de sua fé, as forças que suplantam as intempestividades da finitude, na passagem pela dor, na angústia e no mais profundo desespero da alma.

Decidindo jamais abandonar a mãe, Macrina – embora sendo família rica – abdica de uma vida material e abastada para viver com o mínimo, vivendo conjuntamente com os criados em igualdade. Seu modo de vida também se refletiu em Basílio, irmão de Macrina e Gregório de Nissa, quando retorna de um longo período de educação como um hábil retórico, fica envaidecido por sua oratória, desprezando os dignitários locais. Porém, Macrina o toma pela mão, levando-o para o caminho da filosofia, de tal modo que ele desprezou as glórias desse mundo e de toda fama que havia ganho pelo discurso.

Naucrácio era o segundo de quatro irmãos, ainda jovem teve uma morte trágica e prematura, em uma de suas expedições que trazia coisas necessárias para idosos, ele foi trazido para casa morto. Então, toda aflição e tristeza se derramou novamente pela família. Diante desse sofrimento, Macrina deu amparo à mãe e aos irmãos, embora ela também estivesse sofrendo. Sua fortaleza que amparava a família revela sua virtude, por suportar e segurar seu próprio sofrimento para diminuir a dor daqueles que amava.

Es aqui donde se manifiesta especialmente la grandeza y elevación del alma de la virgen, porque también en ella la naturaleza exigía lo suyo: era su hermano – y certamente el más querido – el que le había sido arrebatado así por la muerte. Del mismo modo que se había elevado sobre la naturaleza, con sus reflexiones elevó consigo su madre, y la mantuvo por encima del dolor, pues supo infundirle paciencia y valor con su propio ejemplo. Más aún su vida, que siempre crecía en virtud, no daba lugar a la madre para entristecerse por el ausente, sino más bien para alegrarse en la bondad que tenía ante los ojos⁵ (NISA, 1997, p. 63).

Após Naucrácio, a mãe de Macrina adoecera, deixando de viver após abençoar a filha. Mesmo abatida com a morte da mãe, ela permanecera fiel à filosofia e à vida ascética. Então, foi a vez de Basílio, e novamente, os infortúnios as visitavam. Depois de uma nobre carreira, e de ter sido bispo da grande Igreja de Cesareia, Basílio morre aos 50 anos.

Quando Macrina ficara doente, ela nada temia em relação à sua morte, direcionava sua fé para acalmar aqueles que temiam por sua falta iminente. Ela revelou, em seus últimos instantes de vida, o amor que carregara consigo, pelo seu noivo ausente, ela havia escondido e alimentado em locais secretos da alma a esperança de se reunirem. Uma vez que ela o amou, esse amor foi eterno. Nessa obra, Gregório de Nissa procura dar destaque a Macrina; o diálogo sobre a morte e a ressurreição (NISSA, 2011) acontece pouco antes da morte da irmã, porém nesse escrito procurou não expor esse diálogo, a fim de preservar a memória e dar voz à própria vida de Macrina.

⁵ “É onde se manifesta a grandeza e a elevação da alma da virgem, porque a natureza também exigia a sua: era seu irmão – e certamente o mais querido – que fora levado pela morte. Assim como ele se elevou acima da natureza, com suas reflexões, ele levantou sua mãe e a manteve acima da dor, porque sabia como infundir paciência e coragem com seu próprio exemplo. Ainda mais sua vida, que sempre cresceu em virtude, não deu lugar à mãe para chorar pelo ausente, mas sim para se alegrar com a bondade que estava diante dos olhos” (Tradução livre).

Embora a obra seja de carácter biográfico, não se restringe somente em discorrer sobre os principais acontecimentos da vida de Macrina, antes revela e narra uma experiência da mística e do ascetismo cristão. Entendendo, dessa forma, uma experiência concreta na sua relação singular com Deus. Todo sofrimento na vida de Macrina se demonstrou como uma possibilidade de praticar sua fé, enfatizando a finitude; pôde então perceber o que tinha o valor de eterno. Nesse sentido, Gregório de Nissa diz:

Dicen que la purificación del oro se realiza mediante diversos acrisolamientos con el fin de que, si algo ha escapado a la primera fundición, sea eliminado en la segunda, y así sucesivamente, hasta que, después de la última, haya quedado eliminada toda la impureza que encontraba mezclada con el metal. Dicen también que la prueba más precisa de que el oro está acrisolado consiste en que, pasando por todos los filtros, no deje ninguna impureza. Así sucedió en el caso de Macrina. Su elevado sentir fue acrisolado de todas las formas con los diversos asaltos de las desgracias, para poner de manifiesto la autenticidad y la magnanimidad de su alma; en primer lugar en la muerte de tu hermano (Naucrácio), después en la partida de la madre, en tercer lugar cuando esta gloria de toda nuestra familia, Basilio, abandonó la vida humana. Ella resistió como un atleta invicto, sin dejarse abatir por el asalto de las desgracias⁶ (NISA, 1997 p. 72).

⁶ “Dizem que a purificação do ouro é realizada por meio de várias reflexões, a fim de que, se alguma coisa escapou da primeira moldagem, seja eliminada na segunda, e assim por diante, até que, após a última, toda a impureza tenha sido eliminada. Que se encontra misturado com metal. Eles também dizem que a prova mais precisa de que o ouro é refinado é que, passando por todos os filtros, ele não deixa nenhuma impureza. Isso aconteceu no caso da Macrina. Seu alto sentimento foi purificado em todos os sentidos com os vários assaltos do infortúnio, para manifestar a autenticidade e a magnanimidade de sua alma; primeiro na morte de seu irmão (Naucrácio), depois na partida da mãe, em terceiro lugar quando esta glória de toda a nossa família, Basílio, abandonou a vida humana. Ela resistiu como uma atleta invicta, sem se deixar dominar pelo assalto dos infortúnios” (Tradução livre).

Diante do sofrimento, Macrina enfrentara o absurdo da vida: a morte da maioria dos familiares, que embora a fizesse sofrer, permanecia vivendo conforme sua fé. Mesmo que essa fé não aplacasse o sofrimento, tornava-o, entretanto, suportável.

A purificação conforme aponta Gregório de Nissa, ocorreu pelos vários assaltos dos infortúnios. Diante das mortes de seus familiares, obteve o fortalecimento de seu espírito, que não se deixou sucumbir na mortificação de suas esperanças. Por ter decidido manter-se solteira, pois poderia ter se casado com outro pretendente; por decidir nunca deixar sua mãe, ao lado desta, vivera uma vida simples e ao mesmo tempo virtuosa, em que progrediram juntas na vida ascética; por tratar as servas com humildade e dividir com elas a mesma comida; por se distanciar das obscuridades da glória e da ganância do mundo material e da vaidade, Macrina demonstrou a coragem de sua fé. Ela trouxe amparo aos que necessitavam, e sempre acreditou na vida, e todos os feitos foram somente possíveis de alcançar, porque no âmago de toda sua existência era exercida uma força sem a qual tudo desmoronaria por qualquer abalo inerente da vida, e essa era a força da fé, que transcendeu a finitude.

Portanto, Gregório de Nissa fez a obra de uma vida virtuosa na qual caminhou a irmã, de uma pessoa acolhedora e de personalidade confiante diante dos acontecimentos que afligiam a todos em sua volta, porém que não demonstrava qualquer vestígio de desespero, mas levava o amparo ao que desse sofriam. Dessa forma, fazia reviver a esperança para quem não encontrava mais motivos para tê-la.

2 DA CRIAÇÃO DO HOMEM AO DESESPERO HUMANO

Vimos que, ao relatar a vida da irmã, Gregório de Nissa enfatiza o sofrimento de Macrina, pois será mediante o sofrimento que suas virtudes serão realçadas. Para entender a condição desse sofrimento, precisamos nos ater às concepções de Gregório de Nissa sobre a condição humana.

Na obra *A criação do homem* (NISSA, 2011), Gregório de Nissa irá se atentar à natureza finita do homem a partir da criação e do pecado.

Para o capadócio, devido ao pecado, a natureza humana foi dilacerada desde sua origem. Para Gregório de Nissa, o homem é a imagem de Deus, essa imagem é convergência do espírito e da matéria, porém, enquanto o espírito é infinito, toda matéria é finita e temporal. Desse modo, o ser humano é uno, mas constituído por uma duplicidade. Porém, é importante enfatizar que para Gregório de Nissa, a matéria é governada pela inteligência. Esta é a causa das funções dos órgãos materiais e confere discernimento para cada parte do corpo. Logo, a inteligência é governada por Deus, e a relação do homem com o divino, é realizada, dessa forma, como espelho que reflete a inteligência na natureza. Sendo a inteligência independente da matéria. Desse modo, o espírito sobrevive diante da destruição da obra da matéria.

Tudo que é temporal, é efêmero. Sendo assim, Gregório de Nissa compara o corpo humano com um instrumento que se decompõe com o tempo e que se torna inutilizável. No entanto, a inteligência que o governa permanece. Gregório de Nissa quer demonstrar que o espírito é a potência da inteligência que anima o corpo. Esse espírito possui uma realidade invisível. Essa distinção entre o criado e o increado, sendo o criado semelhante ao criado, é causa do desejo do eterno inato do homem, desse ser criado. Desse modo, toda matéria tende para o espírito.

E como dizemos que a inteligência extrai sua perfeição de sua semelhança com a beleza protótipa de todas as outras, como um espelho recebendo uma forma pela impressão do objeto que aí se reflete, por analogia dizemos que a natureza, administrada pela inteligência, se une a ela e desta beleza colocada junto dela recebe o seu ornamento como um espelho de um espelho; por sua vez, ela governa e sustenta a parte material da substância que a natureza considera. Tanto quanto uma dependa da outra, analogamente subsiste para todas as partes a comunhão da beleza em si, pois o elemento superior transmite sua beleza àquele que é colocado abaixo dele (NISSA, 2011, p. 82).

Toda beleza emana de Deus, a natureza herda essa semelhança, pois ela é constituída de matéria e da inteligência que a anima. Portanto, a criação tem a condição eterna através do espírito, ao passo que sua condição é temporal. Entretanto, essa unidade da obra de Deus é livre e se move. Mediante essa liberdade, o homem pode olhar para o alto e ver a luz que chega à criação. Essa luz se irradia e estabelece uma relação com a sua fonte; dessa forma, há harmonia e beleza. Todavia, através da mesma liberdade, pode o homem escolher não olhar para luz. Essa situação é causa de toda deformidade que rompe com a beleza e harmonia que emana de Deus, fazendo assim a natureza mergulhar em trevas. É necessário a fé, para que o homem olhe para a luz, e retorne a se constituir como imagem de Deus.

O homem perde sua condição de imagem, embora, essa imagem não é retirada:

Nossa natureza originária de imagem, já desejada por Deus desde o início, não nos é tirada, mas, enquanto ela teria podido chegar, com um piscar de olhos, à sua plenitude, por causa do pecado inicial, ela inicia este retorno à condição de imagem, através do sofrimento e do tempo (SANTOS, 2011, p. 17)⁷.

Portanto, na visão de Gregório de Nissa, o sofrimento é condição para o retorno do homem à imagem Deus, em que o sofrimento só é possível no tempo, pois é no tempo que as coisas se movimentam e se degradam. Pensando em Macrina, é possível identificar aqui, que o ascetismo, nessa perspectiva, se configura na fé, que diante da finitude e das incertezas, procura retornar sua natureza original. Ao invés, de decidir não olhar para a luz, devido as perdas que sofrera, Macrina se volta para a fé, e não deixa que a beleza e a harmonia, de sua relação com Deus, se rompam.

Nesse sentido, Gregório de Nissa tem como horizonte a dimensão temporal. Essa dimensão faz com que a criação seja paradoxal, já que

⁷ Comentário de Bento Silva Santos, que faz a introdução dos textos de Gregório de Nissa, reunidos na coleção “Patrística”, publicado pela editora Paulus.

é imagem e semelhança do eterno. Para Maria Cândida da Costa Reis Monteiro (PACHECO, 1983), essa dimensão transporta uma angustiante consciência do tempo, pois os dois mundos – temporal e eterno – estão em colisão.

Na criação do homem é indelével sua síntese que caracteriza sua situação paradoxal.

A amplitude da meditação temporal é tal, em S. Gregório, que, metodicamente, nos circunscrevemos, neste trabalho, à sua referência à cosmologia e à antropologia, onde essa meditação é também mais significativa. Seguimos assim o movimento lógico do pensamento do Bispo de Nissa que, como base prévia da ética e da mística, se debruça objectivamente sobre o homem, procurando entendê-lo, no conjunto da criação, como unidade corpo-espírito, na sua contingência ser-no-tempo e na sua relação dinâmica a um arquétipo. No seio da temporalidade, experimentando-a e assumindo-a existencialmente, o homem é no universo, para S. Gregório, o ser paradoxal e enigmático, nas fronteiras do animal e do divino, temporal e eterno, dividido entre uma recordação e esperança (PACHECO, 1983, p. 7).

Na complexidade que abarca o homem, ele está sujeito à contingência do tempo enquanto aquilo que o anima está na ordem do espírito eterno. O homem é paradoxal, está na fronteira do animal e do divino, tem anseio pela eternidade, pois é criado a imagem e semelhança do eterno, na contingência do tempo tem a recordação do passado, e a esperança do porvir. Tem a necessidade de Deus pelo seu desejo do eterno, embora seja livre para se afastar da relação harmônica com Deus.

Por conseguinte, Kierkegaard tem em seu horizonte a preocupação com o indivíduo concreto, a filosofia deve se voltar para o homem e seus problemas existenciais, escreve uma obra explicando seu ponto de vista sobre a própria obra (KIERKEGAARD, 2002). Nesta ele diz que é um escritor, e tem como preocupação o tonar-se cristão:

Esta pequena obra propõe-se, pois, dizer o que sou verdadeiramente como autor, que fui e sou um autor religioso, que toda a minha obra de escritor se relaciona com o cristianismo, com o problema do tonar-se cristão, com intenções polêmicas diretas e indiretas contra a formidável ilusão que é a cristandade, ou a pretensão de que todos os habitantes de um país são, tais quais, cristãos (KIERKEGAARD, 2002, p. 24).

Séculos à frente de Gregório de Nissa, Kierkegaard, volta-se para Cristandade que não vivia uma experiência religiosa. Desse modo, seus esforços incorporam a necessidade de demonstrar o que significa ser autenticamente cristão e, o sentido profundo do cristianismo. Já em Gregório de Nissa, percebemos a autenticidade na forma de vida cristã de sua irmã Macrina. Essa busca, de Macrina, é considerada por Gregório de Nissa, a partir de seus problemas concretos, no enfrentamento com o sofrimento da vida. Nesse sentido, o tornar-se cristão está atrelado a uma prática de vida que se estabelece na própria relação singular com Deus. Essa relação caracterizou a vida de Macrina como uma experiência exemplar. E, nessa experiência tem em seu âmago o sofrimento humano.

Esse sofrimento é a condição desse homem criado paradoxalmente. Dessa situação, o tempo e o sofrimento se mostram como necessários para experiência religiosa. Na concepção de Kierkegaard, nos deparamos com uma situação semelhante; em *O desespero humano* (KIERKEGAARD, 2010), o filósofo dinamarquês também diz que o homem é paradoxal, já que é uma síntese.

O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma, uma síntese. Uma síntese é a relação de dois termos. Sob este ponto de vista, o eu não existe ainda. Numa relação de dois termos, a própria relação entra como um terceiro, como unidade negativa, e cada um daqueles termos se relaciona com a relação, tendo uma existência separada no seu relacionar-se com a relação; assim acontece com

respeito à alma, sendo a ligação da alma e do corpo uma simples relação. Se, pelo contrário, a relação se conhece a si própria, esta última relação que se estabelece é um terceiro termo positivo, e temos então o eu (KIERKEGAARD, 2010, p. 26).

O desespero em Kierkegaard se dá nas seguintes formas: O desesperado é aquele que não tem consciência de um “eu”; também é aquele que não quer se ele próprio; e por fim, aquele quer ser ele próprio, mas não reconhece a relação como terceiro termo. Sendo o homem uma síntese que é uma relação entre dois termos, a relação é o terceiro termo, que estabelece a própria relação. Deus é o terceiro termo. Portanto, para que o indivíduo tenha um “eu”, e ter um “eu”, significa construir a própria interioridade, é necessário se tornar transparente para Deus. Aquele que não tem consciência do “eu” e só busca se distrair da própria existência, é um desesperado, pois está morto sem poder morrer, pois só se pode morrer o “eu” que estabelece a relação com o terceiro termo. Nesse sentido, podemos relacionar com as concepções de Gregório de Nissa, quando este diz que Deus é a luz do qual o ser criado necessita. O homem, por sua vez, tem a necessidade da luz, mas também possui a liberdade para se afastar. A harmonia se assemelha a ser transparente para Deus. Essa transparência acontece na transcendência, que supera a finitude e a temporalidade. Mas o que é ser desesperado? Kierkegaard, diz que o desespero é a doença mortal:

Esta ideia de “doença mortal” deve ser tomada num sentido particular. Ao pé da letra significa um mal cujo termo é a morte, e serve então de sinônimo duma doença da qual se morre. Mas não é nesse sentido que se pode designar assim o desespero; porque, para o cristão, a própria morte é uma passagem para a vida. Desse modo, a nenhum mal físico ele considera “doença mortal”. A morte põe termo às doenças, mas só por si não constitui um termo. Mas uma “doença mortal” no sentido estrito quer dizer um mal que termina pela morte, sem que após subsista qualquer coisa. E é isso o desespero (KIERKEGAARD, 2010, p. 30).

A doença mortal é o mal que acomete o homem e nada resta depois dele. Nada resiste a destruição, nesse sentido, não é estar com uma doença terminal e ter a consciência da própria morte, mas é ter consciência que nada subsistirá após a própria morte, ou seja, nada resta do sofrimento, só o desespero. Quando diante dos acontecimentos da vida, o homem não transcende sua finitude e temporalidade, nada mais espera diante do sofrimento da vida. É a mortificação da interioridade do sujeito. Na sua relação com Deus, através de sua fé e de sua forma de vida, Macrina alcança a transcendência na sua relação com o absoluto.

Diferente do desespero, a angústia (KIERKEGAARD, 2017) caracteriza-se pela possibilidade diante da liberdade. Essa liberdade no ato das escolhas ignora as consequências; em outras palavras, há sempre incerteza ou a impossibilidade de se mensurar o efeito da ação. Por isso, o que resta é sempre possibilidade. Ora, o homem tem a escolha de olhar para luz, assim como tem a escolha de transcender a finitude na transparência com Deus. Diante das escolhas que se apresentam na vida, a angústia anuncia a liberdade para escolher.

A realidade do espírito se mostra continuamente como uma figura que coloca em tentação a sua possibilidade, mas assim que ele tenta alcançá-la, ela se dissipa; esta é um nada que só pode se angustiar. Não há nada mais a fazer, porque ela apenas se mostra. A angústia é a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade (KIERKEGAARD, 2017, p. 130).

Porém, longe de ser simples, Kierkegaard volta a Adão para explicar o fenômeno da angústia. Adão é avisado por Deus para não comer da árvore do fruto proibido. Mas, quando é avisado, Adão não possui o discernimento daquilo que é bom e mal; por isso, diante de sua inocência, ele comete o pecado original. É na inocência que reside a angústia, porque não há um conhecimento prévio sobre aquilo que se está fazendo, pois se anuncia a possibilidade da liberdade:

Quando, pois, se admite que a proibição desperta o desejo, obtém-se ao invés da ignorância um saber, pois nesse caso Adão deve ter tido um saber acerca da liberdade, uma vez que o prazer consistia em usá-la. Esta explicação é, portanto, a posteriori. A proibição o angustia porque desperta nele a possibilidade da liberdade. O que tinha passado desapercibido pela inocência como o nada da angústia, agora se introduziu nele mesmo, e aqui de novo um nada: a angustiante possibilidade ser-capaz-de (KIERKEGAARD, 2017, p. 48).

A angústia nasce da possibilidade da liberdade, pois a liberdade não é um conhecimento a priori, ela se anuncia na proibição como um nada que o angustia. Ter que escolher, é também não escolher. Quando se tem a liberdade para se decidir sobre as possibilidades, deixa-se de escolher uma coisa, esta é sempre uma possibilidade. Por não se conhecer previamente aquilo que se escolhe, se é ignorante, pois há inocência, e nessa inocência ignorante, nasce a angústia. Desse modo, a liberdade está na síntese humana, presente na perspectiva de Gregório de Nissa e Kierkegaard, que acompanha o homem na temporalidade e na possibilidade de suas escolhas. Essa angústia, e também o desespero, fazem parte da experiência humana, e são necessários para a fé e para experiência religiosa.

3 A FÉ COMO SUPERAÇÃO DO SOFRIMENTO NA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Doravante, podemos afirmar que o sofrimento é a condição para o sujeito da experiência religiosa. Esse sofrimento decorre da síntese do ser-humano, composto por contrários: liberdade e necessidade, temporal e eterno, finito e infinito. Podemos afirmar que tanto para Gregório de Nissa, quanto Kierkegaard, a situação do homem é paradoxal. Portanto, o que se conserva fundamental para a experiência religiosa é a finitude que se angustia e se desespera com os infortúnios da vida.

Por conseguinte, cabe-nos tematizar a fé conforme os autores, explicando como a fé responde à angústia e ao desespero. A fé se situa justamente onde a razão não consegue encontrar respostas. Visto a impossibilidade para apreensão acerca da natureza de Deus pela razão, o homem se encontra em relação ao absurdo. Todo sofrimento se apresenta como absurdo, e somente por força do absurdo pode-se transcender a finitude do sofrimento absurdo. Há um abismo entre a existência concreta do indivíduo paradoxal e a eternidade de Deus. A fé estabelece uma relação com o absurdo e a eternidade de Deus.

Para Kierkegaard, existem três estádios na vida: o estético, o ético, e o religioso. Este sendo o estádio mais elevado, em que o indivíduo concretiza sua existência, na relação singular com a transcendência pela fé. Esses estádios estão diluídos em suas obras e pseudônimos. O objetivo é mostrar os caminhos possíveis para o indivíduo no tornar-se cristão. No estádio estético, o indivíduo vive conforme prazeres efêmeros da finitude, em que não há um sentido de existência mais profundo. No estádio ético, o indivíduo vive conforme regras gerais, nessa fase ele ainda não alcançou a transcendência. Já no estádio religioso, o indivíduo necessita construir sua interioridade singularmente, não pode mais viver sob parâmetros que ditam aquilo que ele é; ele necessita transcender a própria ética para se perfazer em sua existência. É nesse cenário, do indivíduo diante das possibilidades em relação ao absurdo, que se torna necessário a fé, esta transcende a finitude e alcança a eternidade. Pensando sobre a fé, Kierkegaard escreve em *Temor e tremor*:

É meu intento agora, a partir da história de Abraão e sob a forma de *Problemata*, extrair o que nela há de dialético, para verificar como a fé é um paradoxo monstruoso, um paradoxo capaz de transformar um assassinio num ato santo e agradável de Deus, um paradoxo que devolve Isaac a Abraão, um paradoxo do qual nenhum pensamento pode apropriar-se, porque a fé começa precisamente onde o pensamento acaba (KIERKEGAARD, 2009, p. 110).

Kierkegaard narra a experiência da fé de Abraão no caminho que percorreu até Moriá para sacrificar seu filho Isaac. Essa experiência é um paradoxo, pois Abraão é um homem ético que segue as leis de Deus, matar é pecado, contudo, o próprio Deus pede para que ele cometa assassinato. Abraão não pode revelar a ninguém de sua incumbência, o que caracteriza a solidão de sua experiência, pois sua ação não está ancorada em uma ética da qual consegue responder e legitimar suas ações. Diferente do Herói trágico, como Agamêmnon que responde e justifica suas ações conforme as leis estabelecidas, Abraão está diante do absurdo porque aquilo que deve fazer é o oposto da relação do filho com o pai, um pai deve amar seu filho, e não matá-lo, mas Abraão sabe que se trata do mesmo Deus que o concedeu Isaac na velhice, por isso tem que ter fé para realizar o sacrifício do amor por seu filho.

Posto isto, para Kierkegaard a fé é um salto assombroso que se relaciona com aquilo que é absurdo para o homem, para tal salto se faz necessária a resignação infinita. Todavia, a resignação infinita ainda não caracteriza a fé propriamente dita. A resignação infinita significa, sobretudo, se abdicar do amor, tal como Abraão faz com seu filho, e se reconciliar com a dor. Macrina não foi designada para sacrificar alguém que amava, porém aceitar a morte de alguém que se ama é se abdicar desse amor para poder conviver com a dor. Se submeter ao absoluto e conformar-se com o sofrimento indelével do caminho, é a jornada do cavaleiro da fé. É nessa jornada que o indivíduo se coloca na transparência com o absoluto, é pela fé que se olha para luz do alto, assim como é pela fé que se lança no absurdo para superar a finitude e alcançar a transcendência, construindo assim a interioridade com o absoluto.

Por isso, a fé sempre estará para além da possível racionalidade e explicação, pois a relação com Deus é algo que não pode ser conhecido racionalmente, e sim experimentado. Essa experiência é sempre inexplicável e, por isso, solitária. Para Gregório de Nissa, a natureza da inteligência que nos governa, permanece no mistério e inacessível a razão humana:

Visto que, portanto, entre as propriedades que devem ser consideradas na natureza divina é a incognoscibilidade da essência, nisto também a imagem deve assemelhar-se ao seu arquétipo. Se a natureza da imagem pudesse ser “apreendida”, enquanto o protótipo está acima de nossa compreensão, esta diversidade de atribuições provaria o fracasso da imagem. Mas, uma vez que não chegamos a conhecer a natureza da nossa inteligência, que é à imagem de seu Criador, isso demonstra de modo perfeito a semelhança com Aquele que a domina, expressando através do mistério que nela está a natureza “incognoscível” (NISSA, 2011, p. 76).

Nesse sentido, a fé é justamente dar esse salto em relação a algo que não se pode fundamentar na razão. Tudo que se demonstra racionalmente está na ordem do geral, no geral o indivíduo não alcança a sua autenticidade na transcendência. A fé não sendo demonstrável pela razão, e não pertencendo ao geral, caracteriza o fardo individual do movimento para se relacionar com o absoluto. Nessa relação pela fé, o indivíduo reconhece a síntese e o terceiro termo da relação, tornando-se transparente consigo mesmo e com Deus. Dessa forma, tendo um eu. Sendo o homem uma síntese, deve se fazer uma ligação positiva, reconhecendo o terceiro termo que estabelece a síntese com o absoluto; assumindo essa relação, torna-se transparente para transcendência, e esta, se alcança quando o indivíduo supera a limitação racional e as categorias da finitude.

Diante disso, há uma questão inquietante: Pode o homem decair em outro estágio mesmo após transcender para o religioso? Em outras palavras, o homem de fé pode perder sua fé no decorrer de sua vida? Para responder essa questão, vamos analisar uma categoria que é fundamental para compreensão da experiência religiosa em Kierkegaard.

Na obra *A repetição* (KIERKEGAARD, 2009), pensando sobre o movimento e a transitoriedade das coisas, Kierkegaard se pergunta se há a possibilidade da repetição. De forma narrativa, ele conta a

história de um jovem poeta apaixonado que necessita romper com a namorada, para, através da lembrança, se inspirar para escrever. A felicidade para o poeta só acontece no âmbito da recordação e, quando tenta fazer a repetição, é uma repetição estética, pois tentar fazer a repetição daquilo que já aconteceu, ou seja, a repetição do mesmo, tendo em vista da transitoriedade da vida, é impossível. Nesse sentido, Kierkegaard diz:

É preciso juventude para ter esperança, juventude para recordar, mas é preciso coragem para se querer a repetição. Porque aquele que apenas quer ter esperança é covarde; aquele que apenas quer recordar é voluptuoso; mas aquele que quer a repetição é um homem, e quanto mais energicamente for capaz de a tornar clara por si próprio, tanto maior será a sua profundidade como criatura humana. Aquele, porém, que não compreende que a vida é uma repetição e que essa é a beleza da vida, esse condenou-se a si mesmo e não merece melhor fim, do que lhe acontecerá, ou seja, sucumbir (KIERKEGAARD, 2009, p. 32-33).

A repetição é a beleza da vida, porque repetir significa, sobretudo, uma retomada que nos conduz a ressignificar. Em outras palavras, é dizer que nada mais será o que foi. Diante disso, aquele que deseja sempre o mesmo e a recordação, pode sucumbir com a frustração da impossibilidade, pois tudo será novamente novo. Pensando na experiência religiosa, aquele que pela fé se tornou transparente ao absoluto, na circunstância de se desejar a impossibilidade da repetição do mesmo, pode decair. Por exemplo: Macrina poderia perder sua fé, diante dos infortúnios que a acometeram, ao viver somente nas lembranças, se não ressignificasse sua vida religiosa que ficou sem aqueles dos quais amava. Dessa maneira, somente a repetição religiosa ressignifica a existência. Quando Abraão recebe Isaac de volta, após aceitar o designo de Deus, o recebe com um novo significado, assim como quando Deus pede que ele sacrifique seu filho. Diante desse paradoxo, a fé de Abraão precisou ressignificar tanto Isaac como o

próprio Deus. A vida é uma repetição, pois é sempre uma retomada diante daquilo que já foi, aquele que segue adiante da própria vida, que dá novos sentidos, quando o mundo dilacera as antigas forças pelas quais a vida se movimentava, realiza a repetição. Para a experiência da vida, o mundo exige que aquilo que já passou e dava os contornos para uma vida de sentido, e que agora se transformou em lembranças que não correspondem mais ao mesmo mundo, para que esse mundo não se torne o desespero, deve-se, através de um novo significado, dar a vida um novo sentido. Para isso é necessário a coragem da fé:

É necessária uma coragem meramente humana para abdicar de toda a temporalidade de modo a ganhar a eternidade; mas eu a ganho-a e não posso dela abdicar para toda a eternidade, o que é uma autocontradição. Mas é necessária uma coragem paradoxal e humilde para captar agora toda temporalidade de modo a ganhar por força do absurdo, e essa coragem é a fé. Não foi por via da fé que Abraão abdicou Isaac, mas foi por via da fé que Abraão recebeu Isaac (KIERKEGAARD, 2009, p. 105).

Portanto, a fé encontra seu sentido, não na resignação infinita de sacrificar Isaac, mas na abdicação e no absurdo da impossibilidade de receber Isaac após o sacrifício. Dessa forma, toda temporalidade é abdicada; contudo, foi pela mesma força do absurdo que Abraão recebeu Isaac na velhice. A fé estava no movimento da repetição, de retomar a vida sem Isaac no enfrentamento com a temporalidade, ao mesmo tempo de retomar a vida após ter aceitado sacrificar Isaac, na relação com a eternidade. Nesse movimento, Isaac tem um novo sentido para Abraão, um novo sentido que foi possível pela repetição. Não da repetição do mesmo, mas de novas possibilidades que constituiu a prova de Abraão. É isso que significa ser um cavalheiro da fé.

A repetição é tornar-se de novo eu mesmo. Aqueles que, como Macrina e Abraão, pessoas de fé, permaneceram na relação com Deus após as contradições e os paradoxos do sofrimento da vida. O salto de fé é uma relação que necessita da repetição para ser levado

a cabo nas últimas consequências. Portanto, a repetição concerne a ideia de que aquilo que será repetido já aconteceu, caso contrário não há repetição, mas, por já ter acontecido, faz com que a repetição seja algo inteiramente novo. Deve-se reconhecer essa relação para que a experiência não se torne desespero, para se repetir é necessário ser si mesmo na relação com o absoluto.

O salto de fé está diante de um abismo, a angústia é a vertigem de quem se encontra próximo à beira da ignorância das consequências das escolhas, sendo a existência a possibilidade que consiste na anulação de outra possibilidade na medida em que se faz escolhas; e para que o cavalheiro da fé possa saltar diante desse abismo e manter-se no caminho, faz-se necessária a repetição. “Porque uma vida humana não se deixa duplicar assim. Neste caso é possível apenas a repetição do espírito, por mais que, na temporalidade, não resulte perfeita como na eternidade, que é a verdadeira repetição” (KIERKEGAARD, 2009, p. 121).

Por conseguinte, para continuar no caminho da fé, que passa pela angústia e pelo desespero – é necessário o movimento da repetição, o sofrimento não se anula, pois ele acontece incessantemente –, que são suplantados pela força e a coragem da fé. Macrina teve que realizar o movimento da repetição para permanecer na fé. Sua resignação em relação ao seu sofrimento para acolher aqueles que sofriam, demonstra a coragem de sua fé. Pois, ao invés de inflamar a dor dos familiares causando maior sofrimento, ela acolheu as lágrimas e foi o amparo nos momentos difíceis, ao mesmo tempo em que sempre perseverou em sua fé.

Foi a fé que deu forças a Macrina e a manteve fixa quando seu irmão Naucrácio morreu tragicamente. Amparou a mãe que se esmoreceu com funesta notícia – com suas palavras Macrina elevou-se sobre o abismo da dor, levando o conforto para coração da mãe. A morte da mãe a abalou profundamente. Gregório de Nissa narra que mesmo diante do sofrimento eles se esforçaram para continuarem fiéis à filosofia, com a mais sublime resolução.

O sofrimento não desviou Macrina de sua religiosidade e de sua vida ascética, mas sim tornou possível sua experiência religiosa. Como

acentuou Gregório de Nissa, o sofrimento é como teste do ouro a cada fornada para torná-lo puro. Enfrentou a dor, como um atleta que por esforço demasiado sente a dores do seu esforço, mas que continua na competição. Macrina também continuou em sua fé, que perpassou os momentos em que toda racionalidade perdeu sua lógica. A coragem permaneceu até seus últimos dias. Quando Gregório de Nissa vai visitá-la em seu leito de morte, ela permaneceu imperturbável diante do irmão e da morte iminente. Ao invés, de sucumbir ao desespero e à angústia, Macrina conquistou a eternidade pela fé transcendendo o sofrimento do mundo, do qual, inevitavelmente, estamos confinados. Portanto, diante deste estudo, percebemos que é no horizonte do sofrimento humano, tanto em Gregório de Nissa como em Kierkegaard, que a fé suplanta a finitude da vida e se relaciona com o absurdo, na eternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fé é um salto assombroso, no qual se encontra a conquista da eternidade, mas a eternidade não é a conquista de outra vida, mas sim a conquista desta vida por meio da superação do sofrimento humano. Por conseguinte, ao analisar a vida de Macrina como modelo e ideal de vida ascética e relacioná-la com as profundas reflexões de Kierkegaard, que este faz do movimento existencial da fé, e fazendo uso da hermenêutica, fusão de horizontes, o trabalho proporcionou uma compreensão da perspectiva de uma existência condicionada pela fé, da experiência da fé diante do sofrimento humano. Possibilitou uma compreensão sobre trajetória da vida religiosa, e como a existência do sujeito singular realiza o salto que sobrepuja conceitos morais e a própria razão.

Narrado por Gregório de Nissa, percebemos na vida de sua irmã Macrina, uma personalidade solene e acolhedora, que sempre se dedicou a mãe, e abrandou a dor e o desespero que acometeu a mãe após a morte repentina do filho, e de seu irmão Naucrácio. Ela e a mãe progrediram na vida ascética. Macrina trouxe amparo aos que necessitavam, e sempre esteve presente nos piores momentos da família, acolhendo e enxugando lágrimas. Todos os feitos foram somente possíveis de alcançar porque

no âmago de toda sua existência era exercida uma força que forneceria uma fortaleza para seus familiares, e essa era a força da sua fé. E a fé foi a sua própria vida, até seus dias findarem com uma luz que abreviou qualquer incerteza, e que antes mesmo do derradeiro piscar de olhos, já havia conquistado sua eternidade.

Vimos que Kierkegaard, em seu livro *Temor e tremor*, faz algumas reflexões sobre as possibilidades de Abraão, e o paradoxo na concretização da fé. Dessa forma enaltece o movimento da fé e os passos antecedentes para sua concretização como, por exemplo, o último estágio, que seria a resignação infinita. Para isso é exigido de Abraão um salto de fé. Esta reside na abdicação da temporalidade e no absurdo de receber Isaac de volta.

Tendo em vista a vida de Macrina e as reflexões de Kierkegaard em relação à fé, que abarcaram os mistérios da experiência religiosa, vimos que a fé como necessária para existência do sofrimento, que emana do paradoxo da condição humana em sua relação com o Absoluto, em razão do absurdo. Enquanto o salto para o desconhecido é a incerteza, a consciência dessa possibilidade é angústia. Na negação da relação com o absoluto, desespera-se da própria existência. Em que se sucumbe no desespero da doença mortal.

Os estádios da experiência religiosa se apresentam ao cavaleiro da fé, este se depara com a angústia e o desespero que caracterizam o sofrimento humano. Podemos projetar o acontecimento de uma experiência de vida religiosa, compreendendo o sofrimento de Macrina, revelando a natureza do sofrimento no caminho que percorre a existência que se concretiza, suplanta e alcança a eternidade pela fé.

No horizonte de ambos os autores, tanto em Gregório de Nissa quanto em Kierkegaard, encontramos a situação paradoxal do homem condicionado na temporalidade, e sua consciência angustiante em relação ao tempo, do sujeito que vive na fronteira entre o temporal e o eterno. Eles se preocuparam com a existência concreta do ser humano, da insatisfação e inacabamento que paradoxalmente faz introduzir o desejo da eternidade.

Kierkegaard, semelhantemente à trajetória de Macrina, também sofreu perdas prematuras e irreparáveis em sua vida: sua mãe faleceu ainda quando ele era criança, e perdeu cinco de seis irmãos; acreditava que uma maldição caía sobre a família, por isso, vivia na iminência da morte; acreditava também que ele também não viveria muito. Sua obra é indiscernível de sua própria vida. Assim como Isaac, Kierkegaard também é filho da velhice, e que foi sacrificado pelo pai em uma vida dedicada aos estudos. Sendo assim, torna-se relevante apontar que tanto Kierkegaard quanto Macrina⁸ tiveram uma vida marcada pelo luto, assim como há semelhança no que diz respeito à condição do homem em suas obras.

Na obra *Temor e tremor*, a experiência da fé de Abraão, no caminho até Moriá para sacrificar seu filho Isaac, explorou que essa experiência é, pois, um paradoxo, porque Abraão é um homem ético que segue as leis de Deus – matar é pecado, contudo, o próprio Deus pede para que ele cometa assassinato. Abraão não pode revelar a ninguém de sua incumbência, o que caracteriza a solidão de sua experiência, pois sua ação não está ancorada em uma ética, por isso Kierkegaard irá dizer que a fé é um salto assombroso que se relaciona com aquilo é absurdo para o homem ético. Para tal salto, faz-se necessária a resignação infinita, se submeter ao absoluto e conformar-se com o sofrimento indelével do caminho.

Dessa forma, podemos compreender que existem fardos dos quais se carregam na solidão, é a experiência do inefável, e por isso o caminho é solitário, o que se busca é a concretização de uma verdade de experiência subjetiva na experiência, e essa experiência não está na ordem do racional, ela é absurda porque não faz sentido no interior de uma lógica formal. Nesse caminho sinuoso, faz-se presente a angústia e o desespero, estes fazem parte do gênero humano e caminham ao lado da existência.

⁸ Embora a obra seja escrita por Gregório de Nissa, este, por sua vez, sofreu as mesmas perdas que a irmã.

No epílogo de *Temor e tremor*, Kierkegaard diz:

Nenhuma geração aprendeu a amar com outra geração, nenhuma geração começa por outro ponto que não seja o princípio e nenhuma geração ulterior tem uma tarefa mais breve que a anterior, e se tal como aconteceu com as gerações anteriores não se quiser ficar aqui parado porque se ama, mas antes se avance, então esta conversa é meramente ociosa e sensaborona. Mas a paixão suprema do homem é a fé, e nenhuma geração começa num ponto diferente do escolhido pela precedente, cada geração começa de novo, a geração seguinte não chega mais longe que a anterior (KIERKEGAARD, 2009, p. 188).

Ao estudarmos a vida de Macrina e a trajetória de Abraão, em Gregório de Nissa e Soren Kierkegaard, respectivamente, podemos tender a acreditar que as experiências que eles narram são apreendidas de tal forma que já sabemos como lidar com os infortúnios da vida ou como realizar o salto de fé. Mas, como diz Kierkegaard, nenhuma geração inicia de um ponto diferente da outra, ou continua de um ponto deixado pela geração anterior. Nesse sentido, entendendo as coisas mais fundamentais da vida, como a dor do luto, ou as forças que o indivíduo necessita para superar seu sofrimento, não podemos por força do conhecimento a priori: “aprender a superar”. No decorrer da vida nada será como antes, tudo tende a se alterar, todos os sentidos serão dilacerados, assim como Abraão não pôde falar sobre seu segredo, e por sua fé enfrentou o inevitável, teremos que suportar, no silêncio de nossa solidão, o fardo de nossa existência.

REFERÊNCIAS

BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis (Org.). **Narrativas místicas**: antologia de textos místicos da história do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2016.

CALATI, Benedetto. **Sabedoria monástica**: ensaio de história, espiritualidade e questões monásticas. Juiz de Fora: Subiaco, 2014.

CLÉMENT, Oliver. **Fontes**: os místicos cristãos dos primeiros séculos – textos e testemunhos. Juiz de Fora: Subiaco, 2003.

FIGUEIREDO, Dom Fernando Antônio. **Curso de teologia Patrística III**: A vida da igreja primitiva (séculos IV e V). Petrópolis: Vozes, 1990.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Conversando com os pais e mães da igreja**. Petrópolis: Vozes, 1994.

HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa**. Bragança Paulista: EDUSF; Petrópolis: Vozes, 2010. KIERKEGAARD, Soren. **A repetição**. Lisboa: Relógio D' Água, 2009.

_____. **O conceito de angústia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **O desespero humano (doença até à morte)**. São Paulo: UNESP, 2010.

_____. **Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor**: uma comunicação directa, relatório à história (1848) seguido de dois pequenos tratados ético-religiosos (1849). Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. **Temor e tremor**. Lisboa: Relógio D' Água, 2009.

LIÉBAERT, Jacques. **Os padres da igreja**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

MCGINN, Bernard. **As fundações da mística**: das origens ao século V: Tomo 1: a presença de Deus: uma história da mística cristã ocidental. São Paulo: Paulus, 2012.

MEULENBERG, Leonardo. **Testemunhas da Igreja antiga**: uma fonte de inspiração. Juiz de Fora: Subiaco, 2010.

NISSA, Gregorio de. **A criação do homem**: a alma e a ressurreição – a grande catequese. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Vida de Macrina**: elogio de Basílio. Madrid: Ciudad Nueva, 1995.

PACHECO, Maria Cândida da Costa Reis Monteiro. **S. Gregório de Nissa**: criação e tempo Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983.